

APRESENTAÇÃO

O terceiro número do periódico **Estudos da Língua(gem)** faz uma homenagem, mais que justa, a um nome de referência nos atuais estudos de Fonética e Fonologia no Brasil: Luiz Carlos Cagliari. Dessa forma, o periódico permanece fiel ao seu propósito inaugurador de contribuir para o debate entre os pesquisadores das áreas de Lingüística e fronteiras por meio da divulgação de textos que tragam para discussão a constituição descontínua e não linear dos saberes dos estudos da língua(gem) ao longo da história.

Assim, o número “Questões de Fonética e Fonologia: uma Homenagem a Luiz Carlos Cagliari” busca registrar a importância desse grande foneticista para os estudos lingüísticos no Brasil, reunindo artigos de pesquisadores amigos e/ou ex-alunos que trabalham diretamente com questões ligadas à Fonética e à Fonologia.

O número 3 da revista **Estudos da Língua(gem)** dedicado ao professor Cagliari é, também, uma tentativa tímida de agradecê-lo por sua dedicação e por sua contribuição aos estudos em Fonética e Fonologia, como um todo, e na área de Alfabetização, em particular, já que é notória a influência de seus pensamentos nesses campos de pesquisa.

Abre este número, o texto de Gladis Massini-Cagliari, com “impressões de uma espectadora não-isenta”, sobre a vida e obra do homem e estudioso Luiz Carlos. Nesse texto, Gladis, na condição de esposa e também lingüista, apresenta de forma poética e apaixonada o percurso intelectual e profissional do nosso mestre com apontamentos de suas principais obras.

Compõem ainda este número dez artigos, alguns dos quais se caracterizam pela influência direta de Cagliari e outros que tocam em questões há tempos também já pensadas por ele.

O primeiro artigo do número é o de Thaís Cristófaró Silva, **Fonética e Fonologia: perspectivas complementares** que aborda a antiga discussão sobre a distinção entre Fonética e Fonologia, já esboçada por Saussure no *Cours* (1916) e amplamente discutida por Troubetzkoy em 1933 e 1939, que defende a existência de duas disciplinas distintas entre si com propósitos e metodologias particulares. Depois de considerar essa tradicional visão dicotômica, a autora considera “abordagens que integram a fonética e a fonologia como disciplinas complementares”. Para isso, avalia as propostas teóricas da **Fonologia de Uso** (BYBEE, 2001) e **Teoria de Exemplos** (JOHNSON, 1997), Pierrehumbert (2001). Além disso, ela também faz considerações sobre as “consequências e desafios apresentados pela proposta de se integrar a Fonética e a Fonologia”.

Marco Antonio de Oliveira e Seung Hwa Lee no artigo **Teoria Fonológica e Variação Lingüística**, lembram da exclusão que a variação lingüística vem sofrendo por parte de alguns modelos teóricos, modelos esses que priorizam a produção da fala em detrimento da percepção. Segundo os autores, recentemente a teoria fonológica vem “se ocupando da variação lingüística”, mas, com enfoque, na grande maioria das vezes, na produção ou, algumas poucas vezes, na percepção. Diante dessas questões, a proposta dos autores é a junção da produção e da percepção na explicação de fatos de variação lingüística. Para tanto, propõem um modelo “operacionalizável em termos dos mecanismos da Teoria da Otimidade que pretende, com base em princípios mais gerais da língua, alocar a variação num nível abstrato (percepção) e deixar a sua implementação (produção), no uso, sensível ao par {indivíduo-item lexical}”.

No artigo **Sound change and analogy: the synchronic reflexes of the second compensatory lengthening in Ancient Greek dialects**, W. Leo Wetzels discute o processo de alongamento compensatório secundário. De acordo com o autor, essa regra afeta seqüências *Vns* em posição intervocálica e de final de palavra, sendo diferente em vários dialetos. A proposta de Wetzels é a de que a sincronia reflete a seqüência *Vns* em dialetos do Grego antigo e que a variação dialetal pode ser explicada,

parcialmente, como um resultado das diferenças na natureza das regras de eliminação de consoante, e, parcialmente, como efeito de reestruturação lexical ou nivelamento analógico.

Gladis Massini-Cagliari, em **Sobre o status morfofonológico e prosódico das formas verbais de futuro em Português Arcaico**, conduz suas análises a partir de evidências extraídas do comportamento prosódico dessas formas verbais. A autora afirma categoricamente que as formas verbais do futuro, diferentemente do que propõe a tradicional classificação, não são formas simples e sim formas compostas. A hipótese da autora é sustentada pela pauta prosódica dessas formas e pelo fato de somente essas formas verbais aceitarem “a mesóclise, permitirem variação com formas com o auxiliar [...] e a ‘coordenação’ de dois verbos, a partir de uma só ‘terminação’”.

Em **Considerações sobre a relação entre processos de sândi e ritmo**, Luciani Tenani discute a classificação rítmica das línguas e a consideração de processos segmentais como evidências de classes rítmicas. A pergunta posta pela autora é “qual a relação entre processos de sândi e organização rítmica de uma língua?”. Para dar conta dessa pergunta, a autora analisa seis processos fonológicos, a saber: vozeamento da fricativa, *tapping*, haplologia, degeminação, elisão e ditongação. A argumentação apresentada pela autora vai no sentido de que para “se definir o ritmo lingüístico, deve ser considerada a organização hierárquica dos constituintes prosódicos aos quais estão submetidos os processos de sândi que afetam as sílabas.”

Cristina Martins Fargetti, em **Breve história da ortografia da língua juruna**, traz algumas considerações sobre os vários momentos da ortografia da língua juruna, falada pelo povo juruna, do Parque Indígena Xingu, MT. Seu artigo evidencia a árdua tarefa de sistematização de uma língua quase ágrafa e a importância do trabalho conjunto do lingüista e do falante nativo para uma sistematização satisfatória da ortografia da língua em questão.

No artigo **Relações entre grafemas e segmentos nos vocabulários Waurá e Mehináku de Steinen** (1866 [1940]), Angel Corbera Mori considera a lista de palavras de Waurá e Mehináku, dentre outras línguas, que constam no livro de **Entre os aborígenes do Brasil Central** (STEINEN, 1866 [1940]), obra que apresenta as primeiras informações dos povos indígenas que se encontram na região do Xingu, atualmente

Parque Indígena do Xingu, MT. O autor faz uma análise das listas de itens correspondentes a essas línguas trazendo à discussão a representação grafêmica empregada por Steinen (1866 [1940]) e mostrando as equivalências fonéticas desses mesmos dados a partir da fala dos Mehináku e Waurá atuais. Dessa forma, Mori apresenta uma proposta de análise em termos da fonética e fonologia, o que resulta num possível inventário de fonemas dessas duas línguas.

Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa é um artigo escrito por Maria Helena Mira Mateus. Nesse artigo, a autora assume o caráter fonológico da ortografia portuguesa e, a partir disso, discute a simplificação da mesma, simplificação essa, que, de acordo com a autora, “tem sido a finalidade de várias reformas e de algumas tentativas de acordo entre Portugal e o Brasil”.

Em **Estudo eletropalatográfico de fones consonantais e vocálicos do português brasileiro**, César Reis e Robert Espesser examinam os fones oclusivos, fricativos, laterais, tepe, em contexto a__a, como em *batata*, além dos fones africados vozeados e não vozeados em posição tônica. Examinam ainda fones vocálicos em posição tônica, com exceção do [e], em posição pretônica. De acordo com os autores, a “a eletropalatografia, EPG, é uma técnica que possibilita a obtenção de informações espaciais e temporais (em tempo real), dos contatos da língua com a abóbada palatina, mais precisamente, as regiões alveolar, pós-alveolar, palatal e, por vezes, velar. Consiste de um palato artificial (1,5 mm de espessura), de tipo ortodôntico, recoberto com 62 eletrodos dispostos em linhas e colunas.”

E, finalmente, Vera Pacheco, em **Percepção dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos**, partindo do pressuposto de que a percepção da fala consiste na extração de significado do sinal acústico e de que os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos, investiga se o ouvinte, ao ouvir uma leitura, é capaz de perceber as variações melódicas incitadas visualmente pelos sinais de pontuação. A autora, por meio de regressão linear, mostra em que medida parâmetros acústicos como F0, intensidade, duração e pausa contribuem para a percepção melódica incitada pelos diferentes sinais de pontuação usados em textos escritos do português brasileiro.

Enfim, os assuntos abordados nos artigos deste número cumprem satisfatoriamente o objetivo primário da Revista **Estudos da Língua(gem)**, qual seja, o diálogo e o debate entre pesquisadores das áreas de Lingüística e fronteiras, e, aqui, muito particularmente, da Fonética e Fonologia, campo de investigação ao qual Luiz Carlos Cagliari dedicou toda sua vida, contribuindo de forma efetiva para a consolidação dessa área de pesquisa no Brasil.

Aos colegas foneticistas e fonólogos que muito contribuem e nos honram com os seus artigos, frutos de suas pesquisas, nosso muito obrigada. A contribuição de cada um é extremamente valiosa, pois somente com ela foi possível a realização desse número.

Aos leitores, nossos sinceros votos de uma ótima leitura. Desejamos que cada artigo deste número contribua na construção e/ou consolidação de seus conhecimentos nas ciências do som da fala.

*Vera Pacheco
Gladis Massini-Cagliari*